

MORADA

Rua Júlio Maria de Sousa,
2100-192 Coruche

COORDENADAS GPS

Latitude 38.957°
Longitude -8.526°

HORÁRIO

Verão: 10h-13h00 / 14h30-18h30

Inverno: 9h-13h / 14h30-17h30

Encerra às segundas-feiras

TELEFONE (+351) 243 610 820

WEBSITE www.museu-coruche.org

EMAIL museu.municipal@cm-coruche.pt

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Starry Night at La Silla, ESO/H. Dahle

Fernando Álvares Seco, *Portugalliae que olim Lusitania, novissima exactissima descriptio*. Roma, 1560 [i.é. 1561] (Biblioteca Nacional de Portugal, cota cc-379-v)



A terra, de onde tudo nasce, e onde tudo o que é vivo acaba por regressar ao morrer, está sempre presente. O chão que se pisa é o elemento sólido onde o homem se apoia para se alimentar, caminhar, correr ou partir em direcção ao céu e aos astros.

In: Portugal: o sabor da terra, de José Mattoso e Suzanne Daveau

A exposição que aqui partilhamos conta a história de Coruche desde os tempos mais remotos, tendo por base o conceito de “sagrado”. O nosso lado mais espiritual. As nossas crenças, a nossa relação com o transcendente, com o divino... E pesem embora as nossas diferentes atitudes – condicionadas à artificialidade do espaço expositivo –, a ideia de vida e morte, mas também sagrado e profano, natureza e cultura, percorrendo todo o devir histórico, conta, em suma, a história de quem somos.

Mas o que é o Sagrado para as gentes de Coruche, para a gentes deste território, deste concelho?

Não quisemos pensar só o presente. Explorámos o nosso passado distante. Assim, na Pré-História, sagrada é a Terra, Deusa-Mãe, onde o culto aos antepassados se encontra materializado em construções megalíticas, não alheias à orientação do astro Sol e à Lua, e em artefactos votivos, nomeadamente nas placas de xisto gravadas colocadas no peito dos mortos aquando dos rituais da morte, muito provavelmente em representação de uma divindade feminina, sua protectora.

Com a romanização deste território vários foram os deuses em que se acreditou. Um panteão de figuras humanas com atributos divinos, onde Minerva, deusa do conhecimento e da sabedoria, gravada numa pedra de anel, se tornou a divindade eleita para símbolo deste Museu e o ex-libris deste espaço expositivo.

Com a invasão da Hispânia pelos muçulmanos, com avanços e recuos da linha de fronteira, entre mouros e cristãos, originou-se um longo período de instabilidade, reflexo da oposição de dois monoteísmos. Uma história ilustrada onde o castelo de Coruche se tornou crucial no plano de Reconquista Cristã.

No sopé do monte o quotidiano da vila de Coruche foi acontecendo ao ritmo dos tempos litúrgicos, aqui marcado pela presença do sino medieval de São Pedro, peça central deste espaço, dado o papel que desempenhou na esfera do quotidiano e do sagrado, mas também pelo seu contexto arqueológico de achado.

Ainda pensar o presente e o que de mais sagrado existe no território coruchense, no âmbito da memória colectiva, é registar as Festas em Honra de Nossa Senhora do Castelo. Se por um lado é um momento de pausa na prolongada rotina dos trabalhos agrícolas, por outro reveste-se de uma importância vital consubstanciada na visibilidade máxima do culto mariano, com a procissão da sua Padroeira, no dia 15 de Agosto, e na cerimónia religiosa da bênção dos campos, que a custódia é destinada a servir. E são precisamente os campos, a terra, o calendário agrícola, mas também os momentos de festa do calendário litúrgico católico – o das festas móveis, como o Carnaval e o ciclo da Páscoa, e o das datas fixas, próximas dos solstícios, como os Santos Populares, Santa Luzia ou o Natal – que aqui tratamos ao longo das quatro estações, regidas pelo Sol e pela Lua. Uma abordagem cíclica interposta num tempo linear.

Assim questionámo-nos. Poderá o Homem afastar-se da terra?

Sendo a Natureza um todo, o Homem é um fragmento inseparável da mesma, ou seja, ele é parte do todo. Inicialmente inserido na sua dinâmica processual, o Homem distanciou-se da Natureza à medida que produzia a sua própria História. Assim, o dinamismo Homem-Natureza fez com que surgisse uma nova relação espaço-tempo, impondo-se o ritmo humano da tecnologia. Mas que futuro? Questionámo-nos. Poderá a cultura respeitar a Natureza? Acreditamos que sim. O imenso montado de sobre pode servir-nos de exemplo, de testemunho. Mas um testemunho harmonioso, porquanto Homem e montado se equilibram – ainda que com um crescimento a ritmos diferentes –, permitindo o desenvolvimento sustentável.

À biodiversidade do montado contrapomos a cultura, produto do pensamento. E a sua acepção é tão vasta, o seu produto é tão díspar que, da cortiça, simples rolha, se alcança o Universo no seu uso mais espectacular, o da protecção térmica em veículos espaciais, incluindo o *Space Shuttle*.

Entre o Céu e a Terra, a pluralidade humana marca presença.